



ESOCITE.BR

Os tambores de maracatu: redes, tecnologias e afetações

Marcel Costa Azeredo¹;
Adilson da Silva Mello²;
Carlos Alberto Máximo Pimenta³.

Resumo

Por entre os saberes do campo da cultura, o maracatu de baque virado com o seu cortejo, suas danças, cantos e toques fazem ecoar pelos mais diferentes lugares a resistência do povo negro do estado de Pernambuco. Pela complexa rede de atores formada pelos maracatus o construtor de tambor situa-se como eixo norteador desse estudo, em que se tem o objetivo de revelar os elementos humanos e não-humanos inscritos em seu saber-fazer. Seguir os rastros dos fornecedores, compradores, das tecnologias e das estratégias para dar sustentabilidade ao seu trabalho caracterizam o propósito desse estudo para contribuir com a produção acadêmica sobre os maracatus de baque virado e, especificamente, o construtor de tambor. A sustentação teórica-metodológica está inscrita na Teoria Ator-Rede com a seguinte organização, em um primeiro momento, levantamento das produções científicas nas bases de dados SciELO e Periódicos CAPES sobre o maracatu de baque virado, evidenciando o construtor de tambor e suas práticas, em seguida, são realizadas as saídas de campo com o propósito de entrevistar esse ator e os atores que compraram os seus artefatos. Para além dessas entrevistas também foram feitos registros visuais dos artefatos em sua diversidade de confecções. A pesquisa revelou por meio de um inventário os elementos humanos e não-humanos que compõem a rede de construtor de tambor, as afetações desse ator pelas movimentações dos actantes que transformam a fabricação do artefato, os agenciamentos do construtor de tambor e as perspectivas de geração de renda a partir da fabricação do artefato.

Palavras-chave: Maracatu, Construtor de tambor, Teoria Ator-Rede.

¹ Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG-DTECS), da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). E-mail: azeredomarcel@gmail.com.

² Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG-DTECS), da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). E-mail: prof.adilsonmello@gmail.com.

³ Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG-DTECS), da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). E-mail: carlospimenta@unifei.edu.br.



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

Introdução

Este artigo aborda, a partir do campo de conhecimento interdisciplinar, a complexidade dos descritivos sobre cultura, especificamente quando se propõe percorrer os rastros do construtor de tambor e do artefato. E, por meio desses atores, são reveladas uma série de associações formando redes, compostas por elementos humanos e não-humanos e as afetações “pelos”, “nos” e “dos” arranjos sociais.

O construtor de tambor é um ator presente entre os maracatuzeiros, nas nações e grupos de maracatu de baque virado, que fabrica os tambores. O bombo, bombo mestre, alfaia, barrica são os diversos nomes dos tambores de maracatu que contemplam a sua diversidade.

Este esforço se justifica pela falta de estudos que investiguem as conexões do construtor de tambor, suas tecnologias, suas redes e afetações. Percebe-se uma rica produção científica nos repositórios e periódicos acadêmicos sobre os maracatus, mas com ênfases em outras perspectivas e enfoques.

O saber-fazer do construtor de tambor, seus conhecimentos, tecnologias e estratégias para a criação do seu trabalho são as preocupações deste trabalho, com o objetivo de revelar os elementos humanos e não-humanos inscritos em seu saber-fazer. Portanto, pretende-se responder à seguinte pergunta: quais são os elementos, humanos e não-humanos, revelados no saber-fazer do construtor de tambor?

A pesquisa circunscreve-se ao período de março de 2021 a fevereiro de 2023, tendo uma abordagem com critérios qualitativos utilizando os recursos das



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

entrevistas, abertas e semiestruturadas, com o construtor de tambor e atores indicados por este, os quais possuem os tambores do entrevistado.

Em um primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico para definição do eixo-preocupação e a originalidade temática. No segundo momento, valorizou-se a pesquisa de campo para, no último momento (terceiro), a leitura dos dados com a óptica da teoria Ator-Rede (TAR).

Na leitura dos dados, a estrutura do percurso realizado foi o seguinte:

I – busca das produções científicas nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) Brasil e Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com as palavras-chave “maracatu” e “luthier”;

II – articulação com as produções científicas que dialogam com a temática do construtor de tambor;

III – entrevistas em campo com o construtor de tambor e sua rede;

IV – revelar as associações e vínculos para a fabricação dos artefatos com os atores humanos e não-humanos e suas afetações.

Foram feitas as saídas de campo para a coleta de dados no período de 2022, com as devidas restrições impostas pela pandemia da Covid-19. As entrevistas on-line foram realizadas por meio do recurso Google Meet e chamadas pelo aplicativo Whatsapp, em seguida foram armazenadas no Google Drive dos autores.



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

Posteriormente as medidas sanitárias de combate a pandemia da Covid-19 permitiram que fossem gravadas entrevistas presenciais, na qual foram utilizados os celulares dos pesquisadores. O recurso digital se fez presente em todo o percurso da pesquisa e possibilitou o registro da multiplicidade dos artefatos revelados nas saídas de campo e as complexas afetações entre o construtor de tambor, o artefato e suas redes.

O percurso deste artigo inicia-se com os maracatus, seus baques e suas viradas, passando pelas mãos do construtor de tambor e suas redes e, por fim, as reflexões com base na sociologia das associações alicerçadas em Bruno Latour (2012), com uma possibilidade de fazer emergir os elementos que foram encontrados nas redes desse construtor.

Maracatus: seus baques e suas viradas.

Pelas mãos do povo negro no estado de Pernambuco temos as primeiras notícias sobre os maracatus, Guerra-Peixe (1955), na sua obra Maracatus do Recife, aponta para a data de 1867 quando o Padre Lino do Monte Carmelo Luna faz referência a existência do maracatu.

Na vasta produção acadêmica sobre a história do maracatu é revelado segundo Carvalho (2007, p. 30) “uma história de adequações e inadequações, marcada pela marginalização/inserção da população escrava, de seus descendentes, e das obras espirituais de ambos, na sociedade brasileira”. A perseguição aos maracatus é uma problemática marcante como aponta Esteves (2008, p.11) essa “manifestação de cultura popular que, por muito tempo, foi desprestigiada e perseguida pelas classes dominantes em Pernambuco.” Fialho (2017, p. 1317)



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

“os cortejos de maracatu organizados pelos pretos de Angola eram alvo de perseguição policial, denúncias à Inquisição de Lisboa [...] e configurava motivo de censura por parte das classes dominantes.”

Inserido nessa complexidade Tsezanas (2010) argumenta sobre a importância de percorrer os caminhos que o povo negro forjou para criar espaços sócio-relacionais e de negociações e conflitos com as classes dominantes em uma sociedade escravocrata.

Não só nas festas religiosas de suas irmandades e/ou atos de coroação de reis negros, que o negro -africanos ou crioulos, escravos ou libertos – arcaram presença com suas danças e batucadas, pois também realizaram de forma mais restrita, isolados no campo ou em localidades entranhadas das áreas urbanas, suas rodas de lundus, batuque, umbigada, e seus funerais, que também eram festivos. Cabe ainda lembrar que eles se destacaram também em diversas situações solenes, promovidas e/ou regidas pelas elites administrativas da colônia, como as festas reais e cívicas. (TSEZANAS, 2010, p. 16).

Oliveira (2011) afirma que os maracatuzeiros e maracatuzeiras dos maracatus-nação no estado de Pernambuco vinculam os rituais de coroações dos Reis do Congo feitas pelas Irmandades de Nossa Senhora do Rosários dos Homens Pretos e de São Benedito como fundadora dos maracatus. Lima (2010) pensa os maracatus como expressões socialmente construídas e, em permanente mudança, dessa forma torna-se inviável categorizar o maracatu em uma única definição. Lima (2019) reflete sobre essa homogeneização da origem do maracatu, a partir dos memorialistas, folcloristas e alguns estudiosos do maracatu que desenvolveram estudos apresentando uma história imutável e linear dos maracatus.



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

Esse cenário revela as disputas sociais diante do nome maracatu – maracatu de baque virado, maracatu-nação – envolvendo diferentes atores sociais como aponta Carvalho (2007, p.13) “variedade de mães e pais-de-santo, batuqueiros, costureiros etc. dos diversificados grupos e [...] pesquisadores, historiadores, folcloristas, jornalistas e aficionados, na sua grande maioria da elite, brancos”.

Lima (2019) questiona essa perspectiva que revela uma certa fragilidade pois remete ao pensamento “é tudo a mesma coisa”, mas ao observar as manifestações culturais como aruendas, cambindas e pretinhas do Congo revelam semelhanças com os maracatus.

Para além dessas controvérsias os estudos sobre os maracatus adquirem um novo significado com as tipificações dos maracatus abordadas pelo Guerra-Peixe (1950) ao distinguir os maracatus em maracatu-nação e o maracatu rural. “A distinção entre os dois é feita com base no ritmo, instrumentos, indumentárias, personagens e localização geográfica, rural ou urbana” (OLIVEIRA, 2011, p. 11).

Segundo Lima (2020, p. 158):

A descrição dos dois tipos, apesar de dividir o mesmo nome, não pode ser tomada como atividade intelectual simples de ser feita. O maracatu-nação, ou “de baque virado”, tem seus personagens distribuídos em uma verdadeira corte. Há o rei, a rainha, príncipe e princesa, duque e duquesa, vassalos, escravos, lanceiros, baianas e damas do paço. Estas trazem consigo as bonecas, também conhecidas como calungas. Todos (e todas) os personagens da corte costumam vir trajando fantasias ricamente adornadas. No caso dos maracatus de orquestra, ou “rurais”, o personagem mais predominante é o caboclo de lança, que traz consigo uma gola ricamente adornada, um chapéu repleto de fitas e uma lança de madeira, com adornos de tecido lustroso ou sem brilho.



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

O maracatu de baque virado, recorte deste artigo, na sua musicalidade é composta por uma orquestra de percussão conforme Silva (2018) aponta os bombos/tambores, caixas, ganzás, gonguê e, em determinadas nações, foram inseridos os atabaques – ilús e timbaus – os agbês e o patangome (instrumento vindo da congada mineira) que foi inserido na Nação Estrela Brilhante de Recife pelo Mestre Walter em sua época. Essas particularidades dos maracatus traz uma implicação como revela Carvalho (2007, p. 23) “a busca por parte de alguns de um ‘maracatu tradicional, autêntico’, e as enormes controvérsias geradas pela inclusão, por parte de outros, de instrumentos não considerados ‘tradicionais’”. Essas controvérsias revelam a não-linearidade da história dos maracatus.

Albernaz e Oliveira (2015) afirmam que o maracatu tem a religiosidade como elemento fundamental em sua prática, seja para cultuar os eguns – antepassados negros – e aos orixás, “religiosidade contida nas nações conectando mortos e vivos na comitiva” (SILVA, 2018, p.72). A religião de matriz africana é estruturante nos maracatus, percebe-se “nas calungas (bonecas) levantadas ao céu pela dama do paço; no giro de caboclos, catirinas, baianas ricas, rainhas e reis, nas cores de vestidos rodados de variados cetins e veludos, na coroa, no orí” (SILVA, 2018, p. 72). Pensando a religiosidade dos maracatus Lima (2009) afirma a presença da jurema e da umbanda nos maracatus para além do candomblé.

Oliveira (2011) menciona que a religiosidade pode cercear o espaço das mulheres dentro de determinados maracatus, visto que o período de menstruação pode influenciar ao tocar os tambores que cultuam os espíritos dos antepassados. No entanto a pesquisadora revela que as mulheres estão tocando alfaias, caixas, mineiro e agbê. A presença da Mestre Joana é de fundamental



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

importância nessa ressignificação do espaço da mulher dentro dos maracatus, essa temática tem sido abordada por pesquisadores e pesquisadoras de forma brilhante.

Tambores: construtor, elementos e redes.

A investigação dos tambores de maracatu tem como referência a obra do pesquisador Lima (2015), intitulada *Maracatus-Nação: Ressignificando Velhas Histórias*, que percorre a etimologia da palavra bombo, tambor de grande sendo utilizado na vertical, percutido com macetas e presente nas bandas militares e orquestras. Guerra-Peixe (1955) analisa o termo “afalhas” que significa barris de vinho, vindos do Sul do país que foram utilizados para a confecção dos tambores.

Oliveira (2011) descreve a anatomia de um tambor/alfaia feito artesanalmente composto por formato redondo sendo feito de madeira (compensado, tronco de macaíba ou palmeira imperial), com dois couros de animal em suas extremidades superior e inferior, com um arco de madeira para passar as cordas e assim afinar o instrumento.

Guerra-Peixe (1955) afirma que o bojo/corpo do tambor é feito pelo tanoeiro, com um detalhe de um pequeno furo sendo o suspiro, as peles são de bodes ou bezeros, são fabricados quatro arcos, dois mais estreitos que ficam por baixo de dois mais altos por onde passaram as cordas do instrumento.

Nesse contexto insiro a óptica latouriana da sociologia das associações para revelar, nas palavras do Latour (2012, p.30) “transcrever, transpor, deslocar, transferir e, portanto, transportar transformando” os elementos humanos e não-humanos na fabricação dos tambores e as afetações desses atores para o



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

construtor de tambor e sua rede. Lemos (2013) afirma que as redes são as afetações das coisas no momento de suas associações.

As coisas ou os atores conforme Latour (2012) estão implicados em relações de poder, hierárquicas e com capacidades de afetar a organização social.

Filho (2018) argumenta que percorrer os caminhos dos objetos nos remete aos caminhos dos artífices. Este estudo revela o construtor de tambor como um artífice a partir da perspectiva do Sennett (2015, p. 16) como “um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho benfeito por si mesmo”.

O construtor de tambores desenvolve uma rede de profissionais que auxiliam nos processos de fabricação do seu tambor, Filho e Barros (2022) afirmam que os luthiers estão inseridos em uma rede de colaboradores. Essa compreensão complexifica o saber-fazer do construtor de tambor. Souza (2012) afirma que o construtor de tambor precisa ter um conhecimento profundo sobre a madeira e como manuseá-la para atingir a sonoridade esperada da madeira para o instrumento.

Os processos que envolvem a construção do tambor são fundamentais, em um primeiro momento com as compras das madeiras (garapeiras) são feitas criteriosamente segundo o Flávio “Itajubá”⁴, percebendo a umidade da madeira, suas fibras e nós. Em seguida, a madeira é levada à oficina para cortar em 4 mm, é feito o nivelamento e deixada descansando com uma certa envergadura para “acostumar” a madeira. Logo são realizados os processos de colagem dos aros com a utilização de sargentos para garantir a eficácia desse processo para

⁴ Construtor de tambor entrevistado para a pesquisa entre 2021 a 2023.



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

depois lixar, cortar os semiaros (utilizados para empachar as peles do tambor), furar os aros e, finalizar com os devidos acabamentos.

Nesse segundo momento descrevo os processos para fabricar o corpo ou bojo dos tambores, iniciando com a compra das chapas de compensado (sumaúma) de 4 mm para fazer os cortes – varia o tamanho do corte com o tamanho das polegadas dos tambores – e, em seguida, colocá-lo na forma específica para o tambor. Esse corpo vai receber a emenda (uma madeira que fornece sustentação na junção das madeiras) e a alma (camadas das chapas de compensado no limite superior e inferior do tambor para reforçar o corpo do instrumento), passam por um processo de desbaste (corte com a serra tico-tico para retirar um pouco da madeira) para evitar que a pele do instrumento entre em contato com a madeira e, por fim é realizado os processos de lixar, envernizar e acabamentos.

Em um terceiro momento são feitos os processos de empachar as peles dos tambores, começa deixando as peles de molho em um balde água para facilitar o manuseio ao colocar nos semiaros com a utilização de uma colher para fixar as peles. Lembrando que são duas peles utilizadas, uma na parte superior (ataque) e outra na parte inferior (resposta), por fim são colocadas nos tambores para a montagem do tambor e o processo de secagem das peles. Após essa secagem o instrumento pode ser afinado passando as cordas pelos furos dos aros e ajustando a sonoridade do instrumento de conforme o instrumentista preferir.



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



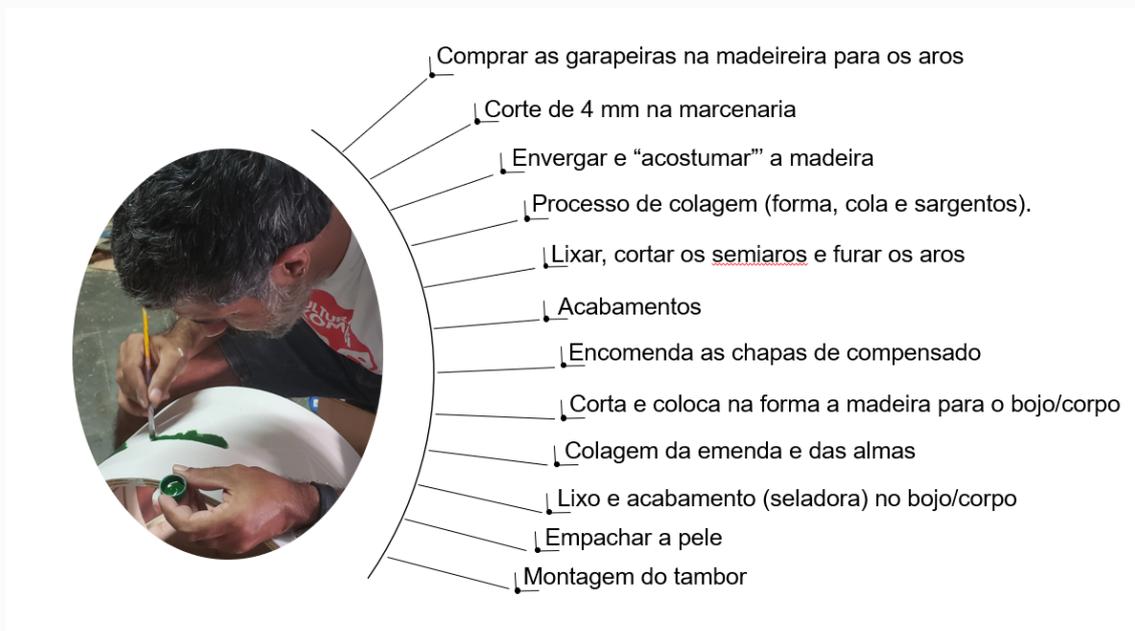
UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

Figura 1 - Processos para a fabricação do tambor.



Fonte: autores (2023)

A figura 1 permite perceber os processos envolvidos na fabricação de um tambor de maracatu de baque virado com as madeiras – garapeira e sumaúma - e, sem dúvida, pela perspectiva da sociologia das associações é revelado os elementos humanos e não-humanos na complexa rede que o construtor de tambor compõe. O saber-fazer do construtor de tambor evidencia como as tecnologias afetam o seu trabalho, seja dos maquinários para os cortes das madeiras, a colher para empachar as peles ou a forma como são passadas as cordas pelos aros pode prolongar a durabilidade do artefato.

Os tambores contemplam o saber-fazer do construtor de tambor, as técnicas, a cultura e as estratégias de negociação pelas suas redes. A pertinência deste estudo é atravessada por esse pensamento visto que as saídas de campo da



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

pesquisa foram feitas em meio a pandemia, momento crítico que o construtor de tambor criou e (re)criou a sua prática e as suas redes para continuar exercendo o seu ofício.

A fabricação dos tambores para os maracatuzeiros e maracatuzeiras afetam o saber-fazer do construtor de tambor em diferentes formas, seja na criação de novas técnicas, na utilização de materiais novos, novos fornecedores, segundo Lima (2010) a sua prática é atravessada pela liberdade de criação.

Após essas considerações se faz necessário a visualização de alguns dos tambores construídos pela Flávio “Itajubá” que foram registrados nas saídas de campo, com entrevistas remotas, nas cidades de São Luis do Paraitinga – SP (figura – 2) e Inglaterra – UK (figura – 3).

Figura 2 - Tambor com a técnica de pontilhismo



Fonte: imagem cedida pelo Felipe Silveira (2022)

O tambor apresentado na Figura – 2 tem umas particularidades que afetaram as técnicas do construtor de tambor, primeiramente a madeira muiracatiara, material que o Flávio “Itajubá” não estava acostumado a trabalhar e precisou



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

correr um risco planejado nesse processo. E o acabamento no corpo do instrumento feito com a técnica de pontilhismo com a caneta nanquim para desenhar as araucárias à mão livre, fato este que vincula ao dono do instrumento que tem uma tatuagem de araucária.

Figura 3 - Tambor com a técnica de estêncil.



Fonte: Instagram do construtor de tambor (2022)

Na figura – 3 pode-se perceber o tambor com as cores da Nação Porto Rico de Recife-PE feitas com a técnica de estêncil com o auxílio de tintas, pincéis e fitas ou réguas para o feitiço desse desenho. Este tambor tem essas características pela maracatuzeira tocar no grupo que seguem essa nação de maracatu.

Diante dessa diversidade de tambores fabricados pelo construtor de tambor foi realizado um inventário com os elementos humanos e não-humanos que são revelados nas redes do Flávio “Itajubá” como mostra a figura a seguir.



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]

Figura 4 - Inventário dos elementos humanos e não-humanos

Não Humanos		Humanos	
 Madeiras	 Lixadeira	 F Marceneiro	
 Peles	 Furadeira	 T Fornecedores	
 Cordas	 Tinta	 C Construtor de tambor	
 Cola	 Pincel	 M Compradores	
 Moldes//Gabaritos	 Seladora		
 Serra para o corte da madeira	 Verniz		
 Serra tico-tico			

Fonte: autores (2023)

A estrutura apresenta na figura 2 permite a visualização dos elementos humanos e não-humanos que compõem a fabricação dos tambores de maracatu de baque virado feitos com as madeiras sumaúma e garapeira. Os tambores do Flávio “Itajubá” contemplam as madeiras de tonel de carvalho, as madeiras da macaíba e da palmeira imperial para fazer o corpo do instrumento, que escolhemos abordar com mais profundidade em outro trabalho.

Por esse percurso revela-se os atores, os elementos humanos e não-humanos que estão se movimentando nas redes do construtor de tambor e afetam ininterruptamente o saber-fazer do construtor de tambor.



ESOCITE.BR

Considerações finais

Por trata-se de uma reflexão sobre as práticas do construtor de tambor, este é colocado como ator (pesquisado), eixo central no estudo, o qual permite a visualização sobre a profundidade de suas técnicas, tecnologias utilizadas, saberes, estratégias, negociações e dinâmicas de composição e recomposição das suas redes que demonstram a complexificação do seu trabalho.

Num esforço de síntese, a manifestação cultural do maracatu de baque virado é muito rica permitindo as mais variadas perspectivas para as pesquisas. Dentro da pretensão de revelar a composição dos artefatos (suas matérias, madeiras, cordas, peles e as especificidades nos acabamentos), o construtor forneceu um olhar por meio de uma “lupa” para esses elementos. Estes afetam o artefato, mas também afeta o construtor de tambor.

Em outros termos, este trabalho teve a predisposição de dar a contribuição em um aspecto dessas variações: as interferências do artefato nas redes de afetações tendo como ponto de partida a relação do construtor com o tambor. Para as pesquisas futuras seria fundamental compreender como os construtores de tambores de fora de Pernambuco são afetados e afetam os construtores de Pernambuco.

Referências Bibliográficas

ALBERNAZ, L. S. F.; OLIVEIRA, J. “Sinfonia de tambores: comunicação e estilos musicais no maracatu nação de Pernambuco”. Revista Antropológicas, v. 26, p. 75-102, 2015.

ESTEVES, Leonardo. “Viradas” e “Marcações”: a participação de pessoas de classe média nos grupos de maracatu de baque virado do Recife – PE. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

FIALHO, Laís Azevedo. O Maracatu-Nação como resistência cultural e religiosa afro-brasileira. VIII Congresso Internacional de História. XXII Semana de História. VIII CIH. 1315 – 1321, 2017.

IGNACIO DE CARVALHO, Ernesto; Sandroni, Carlos. Diálogo de negros, monólogo de brancos: transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado. 2007. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

LATOUR, Bruno. Reagregando o social. Editora EDUFBA/Edusc, 2012.

LIMA, Douglas dos Santos Lemos. Entre atos, Rastros e Marcas: Cartografias e Controvérsias sobre Design e Artesanato. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade) – Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2016

LIMA,IVALDO. Marcian de França. A distinção dos dois tipos de maracatus: a invenção de um conceito. Afro-Ásia, Salvador, n. 61, 2020. DOI: 10.9771/aa.v0i61.29628. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/29628>. Acesso em: 5 set. 2023.

LIMA,IVALDO. Marcian de França. Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 a 2000). Tese de doutorado. Programa de pós graduação em História da UFF, 2010.

LIMA,IVALDO. Marcian de França. Maracatus e Maracatuzeiros: Desconstruindo Certezas, Batendo Afayas e Fazendo Histórias. Recife, 1930 – 1945. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da UFPE, 2006

LEMOS, A. A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

OLIVEIRA, J. M. Rainhas, mestres e tambores: Gênero, corpo e artefatos no maracatunação pernambucano. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Oliveira KEJ, Porto CM. Educação e teoria ator-rede: fluxos heterogêneos e conexões híbridas. Ilhéus (BA): Editus; 2016.

PEIXE, Guerra. Maracatus no Recife. Recife, Prefeitura da Cidade do Recife/Irmãos Vitale, 1980, 2ª edição. [1955].

SILVA, Charles R. da. O Mestre Apitou: Mestres, Apitos, Nações de Maracatu e suas Ações Religiosas, Culturais e Políticas. TESE (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social de Florianópolis, Santa Catarina, 2018.

SENNETT, R. O Artífice. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009.



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]



ESOCITE.BR

SOUZA, Larissa Lima de. INTERFACES ENTRE ESPAÇO, GÊNERO E MARACATU-NAÇÃO. Espaço e Cultura, [S.l.], n. 38, p. 145-158, dez. 2015. ISSN 2317-4161. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/29073>>. Acesso em: 10 jul. 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2015.29073>.

TSEZANAS, Julia Pittier. O maracatu de Baque Virado: história e dinâmica cultural. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:[10.11606/D.8.2010.tde-19072010-141500](https://doi.org/10.11606/D.8.2010.tde-19072010-141500). Acesso em: 2023-08-05.



@esocite.br



www.10esocitebr.com
esocite.brasil@gmail.com



UFAL/Maceió-AL

[Digite aqui]